

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Campus Litoral
Licenciatura em Geografia

SUZIANE SILVA MARCOLAN

CONHECENDO O TEATRO AMAZONAS:

Uma proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino de Geografia

Tramandaí
2022

SUZIANE SILVA MARCOLAN

CONHECENDO O TEATRO AMAZONAS:

Uma proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino de Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra Aline de Lima Rodrigues.

Tramandaí

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Marcolan, Suziane Silva
CONHECENDO O TEATRO AMAZONAS: Uma proposta
metodológica de trabalho de campo para o ensino de
Geografia / Suziane Silva Marcolan. -- 2022.
49 f.
Orientadora: Aline de Lima Rodrigues.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Ensino de Geografia. 2. Trabalho de Campo. 3.
Geografia. I. Rodrigues, Aline de Lima, orient. II.
Titulo.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

SUZIANE SILVA MARCOLAN

CONHECENDO O TEATRO AMAZONAS:

Uma proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino de Geografia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a Dr^a Aline de Lima Rodrigues.

Aprovada em: Tramandaí, 18 de Janeiro de 2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Aline de Lima Rodrigues (Orientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a Dr^a Helena Brum Neto
Instituto Federal Farroupilha

Prof^a Dr^a Michele Lindner
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico esta pesquisa a minha mãe, Delzinete

Santana da Silva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao autor da minha vida e da minha fé, o qual sou totalmente dependente: Deus.

Toda minha gratidão à minha orientadora, Aline de Lima Rodrigues que com sua dedicação, delicadeza e ao mesmo tempo força, me fez acreditar que era possível chegar até aqui.

A todos que contribuíram para realização desta pesquisa, pois bem se sabe o quanto precisamos uns dos outros, nos mínimos e necessários detalhes, o meu agradecimento.

A minha família que faz parte dessa trajetória, por todo apoio, em especial minha irmã e amiga Mauriene da Silva Viera, agradeço.

A todos os demais professores (as), colegas e tutores (as) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que de uma forma ou de outra contribuíram para que a nossa jornada fosse um pouco mais leve, embora desafiadora.

Ao meu pai, Ubirajara Cé da Silva, por me apoiar, do seu jeitinho. Às minhas queridas amigas Loreci Mattos e Romi Mattos, o meu agradecimento, pois, sem elas, eu nem saberia da existência deste curso.

Por fim, gostaria de dedicar este trabalho à minha mãe, Delzinete Santana da Silva (em memória), que não teve a oportunidade de se quer ver os meus primeiros passos na vida escolar, e, hoje eu estou aqui mãe, prestes a me formar em uma das melhores Universidades Federais do Brasil. Sua memória jamais será esquecida. Ainda tenho guardadas algumas cartinhas suas, de quando a senhora se comunicava de Porto Velho – RO, com minhas tias lá de Manaus – AM. A que eu mais gosto, foi escrita em 07 de março de 1990 e amo ler aquele trecho que a senhora fala no meu nome: “A Suzi, vocês precisam ver, está tão “sabida”, a vida dela é dançar, já fala tudo e é muito sapeca”. Eu choro muito com essa lembrança, queria saber como é a sua voz, seu abraço e o seu colo. Tenho absoluta certeza que eu teria todo o seu apoio, mas, sabe de uma coisa mãe? – Não teve um dia sequer que Deus não deixasse de cuidar de mim, Ele sempre envia seus anjos em forma de pessoas.

"Nunca é tarde demais para ser o que você poderia ter sido. "

-George Eliot

RESUMO

O trabalho de campo como prática pedagógica no ensino de geografia, agrega e proporciona aos discentes e docentes uma nova perspectiva sobre o ambiente em que ele está inserido. Conhecer o Teatro Amazonas, seguindo uma proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino da geografia na Educação Básica, é fazer o uso de ambientes culturais existentes nas cidades para fins pedagógicos. Compõe o objetivo geral deste trabalho, desenvolver uma proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino de geografia na Educação Básica. A respeito dos objetivos específicos, são eles: analisar a importância do trabalho de campo no ensino da Geografia como recurso didático-pedagógicos, pesquisar sobre referências metodológicas para a elaboração de trabalho de campo nas aulas de Geografia, identificando seus procedimentos didático-pedagógicos, e, elaborar uma proposta metodológica de trabalho de campo que proporcione a inserção dos alunos em ambientes culturais, por meio de visita a teatros. A metodologia deste trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica sobre conceitos de trabalho de campo, suas funcionalidades e metodologias em leitura especializada no tema e a elaboração de uma proposta metodológica de trabalho de campo com o Teatro Amazonas para as aulas de Geografia. Com o desenvolvimento desta pesquisa, procurou-se destacar o trabalho de campo como estratégia didático-metodológica para e no processo de ensino-aprendizagem em Geografia, bem como valorizar os ambientes artístico-culturais como espaços de aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Trabalho de Campo; Teatro Amazonas; Proposta Metodológica.

ABSTRACT

Field work as a pedagogical practice in teaching geography aggregates and provides students and teachers with a new perspective on the environment in which they are inserted. Getting to know Teatro Amazonas, following a methodological proposal of fieldwork for teaching geography in Basic Education, is to make use of existing cultural environments in cities for pedagogical purposes. It comprises the general objective of developing a methodological proposal for fieldwork for teaching geography in Basic Education and the specific objectives of analyzing the importance of fieldwork in teaching Geography as a didactic-pedagogical resource, researching methodological references for the elaboration of field work in Geography classes, identifying their didactic-pedagogical procedures, and, Elaborate a methodological proposal for field work that provides the insertion of students in cultural environments, through visits to theaters. The methodology of this work consists of a bibliographical research on fieldwork concepts, its functionalities and methodologies in specialized reading on the subject and the elaboration of a methodological proposal of fieldwork with Teatro Amazonas for Geography classes. With the development of this research, we sought to highlight fieldwork as a didactic-methodological strategy for and in the teaching-learning process in Geography, as well as to value artistic-cultural environments as learning spaces.

Keywords: Geography Teaching; Fieldwork; Amazonas Theater; Methodological Proposal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Teatro Amazonas.....	21
Figura 2: Pano de Boca.	22
Figura 3: Lustre com a mesma idade que o Teatro Amazonas	23
Figura 4: Paralelepípedo à base de borracha.....	24
Figura 5: Piso de madeira nobre sob encaixe.....	24
Figura 6: Pinturas do Salão Nobre com uma cena do “Guarani”	25
Figura 7: A Glorificação das Belas Artes na Amazônia, de 1899.....	25
Figura 8: Cúpula do Teatro Amazonas	26
Figura 9: Recital da laureada pianista Anna Carolina datada em 02 de maio de 1934.....	27
Figura 10: Folder Concerto da grande soprano lírico Santa Noll datado para 23 de agosto de 1939	27
Figura 11: Folder Show Trovadores Del Paraguay data de fevereiro de 1959	28
Figura 12: Folder da peça A resistível ascensão do BOTO TUCUXI em cartaz nos meses de setembro e outubro de 1982.....	28
Figura 13: Praça de São Sebastião, em frente ao Teatro Amazonas e a Igreja de São Sebastião ao fundo.	29
Figura 14: Cartaz 15 anos de Ópera (Festival Amazonas de Ópera, 2011)	30
Figura 15: Divisão setorial da plateia do Teatro Amazonas	31
Figura 16: Café La Gioconda.....	31
Figura 17: Loja Dell’Arte.....	32
Figura 18: Imagem panorâmica do Teatro Amazonas no ano de 1900.....	38
Figura 19: Vista aérea do Teatro Amazonas nos dias atuais.....	38
Figura 20: Monumento Abertura dos Portos. Fonte: Marcelo Borges - Livro Manaus - entre o passado e o presente, do escritor Durango Duarte (2009).....	39

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	10
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	O TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA	15
2.2	CONHECENDO O TEATRO AMAZONAS	19
2.3	O USO DE AMBIENTES CULTURAIS EXISTENTES NAS CIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO	33
3.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
4.	ROTEIRO DE CAMPO: VISITAÇÃO AO TEATRO AMAZONAS	36
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43

1. INTRODUÇÃO

A superação do ensino tradicional dar-se-á por meio do uso de estratégias didáticas que despertem o interesse dos alunos como a fotografia, a pintura, o cinema, a internet e as redes sociais, por exemplo.

Trabalhar com a prática de campo em Geografia é trazer um elemento de interesse e motivação. O ato de sair do ambiente escolar e transpor as barreiras do ambiente pedagógico gera um efeito positivo no aluno.

De acordo com Castrogiovanni (2000, p. 13), a escola, se não integra novas formas de compreensão do mundo contemporâneo, não se torna atraente aos alunos, pois “a vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências”.

O reencantar do educador com novas formas de ensino, faz com que o aluno seja motivado cada vez mais a compreender o conteúdo visto em sala de aula, nos seus ambientes de vivência cotidianas. A partir disso, o aluno poderá perceber que a geografia não está e não é algo a parte dele, mas ela está em todos os lugares, ela é ele.

Vygostsky (2007), afirma que o aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas.

Se discutirmos e pensarmos qual é o elemento fundamental para a geografia, sem dúvida a resposta será o espaço geográfico. Todas as nossas relações sempre acontecem no espaço geográfico. De acordo com o professor e pesquisador Roberto Lobato Corrêa (1982), o espaço geográfico é a união dos elementos físicos e culturais da paisagem.

Refletindo a respeito dessas questões, recordo-me do período em que cursei o Ensino Médio, entre os anos de 2003 a 2005, no Colégio Brasileiro Pedro Silvestre, localizado no centro da cidade de Manaus, AM. Como moradora de um bairro periférico na Zona Leste de Manaus, era necessário enfrentar o transporte coletivo e algumas horas no trânsito, na maioria das vezes intenso, até chegar à escola. Apesar de existir oferta para o Ensino Médio nas escolas dos bairros de periferia, as vagas mais almejadas eram nas escolas localizadas no centro da cidade, que possuíam prestígio por oferecer um ensino de melhor qualidade.

Somente alguns anos mais tarde, após uma mudança de Estado, do Norte para o Sul do Brasil, comecei a questionar o fato de que eu não tinha praticamente nenhum conhecimento de ambientes culturais existentes em Manaus. Ou melhor, eu até poderia saber que os mesmos

existiam, porém, acreditava que eram lugares inacessíveis para moradores de bairros afastados do centro. O esplendoroso Teatro Amazonas, por exemplo, ficava apenas alguns metros de distância da escola em que cursei o Ensino Médio, por que nunca fomos lá enquanto alunos? Qual a dificuldade de sermos inseridos nesses ambientes culturais? Pensei, e, logo fui confrontada em um momento de orientação sobre o tema do trabalho de conclusão de curso: Se fosse você no papel inverso, como professora, o que faria de diferente e que meios criaria para mudar esse cenário? A partir deste momento, o desafio estava comigo: elaborar uma proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino de geografia, através de uma visita guiada com os alunos ao Teatro Amazonas.

A elaboração desta proposta metodológica poderá auxiliar os professores a pensar e estruturar seus planejamentos para mostrar a cidade para seus alunos, e inseri-los nos ambientes culturais, muitas vezes de difícil acesso para alunos de periferia e com situação financeira restrita aos gastos básicos da família. Quem usufrui da cidade? Nossos alunos conhecem os ambientes culturais da sua cidade, como museus, teatros, centros históricos?

Durante a minha infância e adolescência, enquanto aluna da educação básica, o único lugar externo à escola que tive acesso, foi proporcionado por uma viagem escolar em um dos três primeiros anos onde cursei o Ensino Fundamental, na rede privada do Colégio Adventista Paul Bernard, com destino ao Bosque da Ciência, localizado na sede do Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia (INPA) em Manaus – Amazonas, tendo a oportunidade de conhecer um pouco da fauna e da flora da região amazônica. Ingressei na rede pública de ensino a partir da 4ª série do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, e, não tenho nenhuma recordação de qualquer outra saída de campo, com exceção de quando recebemos um convite, enquanto estávamos cursando o 1º ano do Ensino Médio, para participarmos de uma coreografia que seria apresentada na cerimônia de abertura dos Jogos Escolares do Amazonas (JEA'S). No nosso primeiro dia de ensaio, um funcionário do Centro de Convenções estava anotando manualmente a identificação dos alunos com a apresentação da identidade e lembro-me como se fosse hoje o dia que me dei conta que de fato eu não era amazonense. O diálogo seguiu da seguinte maneira, assim que entreguei meu documento de identidade ao funcionário: Então você não é amazonense? – A minha resposta foi: Eu não nasci em Manaus, mas, Porto Velho – RO fica na Amazônia, portanto, sim, eu sou amazonense. O funcionário retrucou: Amazonas e Amazônia não são a mesma coisa. Esse fato relatado aconteceu há vinte anos, mas, até hoje eu me pergunto, a partir de que concepção eu cheguei a essa conclusão?

Nascida então no ano de 1988, em Porto Velho – RO, filha de uma amazonense (em memória) e de um gaúcho que saíram de suas terras natais em busca de oportunidades de trabalho, mudei-me para Manaus – Amazonas aos quatro anos de idade, onde toda a minha família por parte de mãe reside. Minhas vivências se restringiam em ir à escola, ficando ansiosa pelo retorno para casa, onde todas as crianças da vizinhança se reuniam para brincar por algumas horas até o sol se pôr.

Quando ingressei no Ensino Médio em uma escola no centro da cidade de Manaus, me deparei com ambientes diferentes dos quais eu estava acostumada a visualizar. Por três anos consecutivos, o Teatro Amazonas, assim como outros monumentos históricos do centro da cidade passaram a fazer parte da minha vivência, devido alguns trajetos que fazíamos quase que diariamente.

Eu já tinha aceitado que o Teatro Amazonas era apenas um cartão postal e que talvez algum professor de História já tivesse feito menção em relação a sua construção ter sido realizada no período do auge do ciclo da borracha. Uma única vez eu cogitei em saber o que tinha dentro do Teatro, então, eu e uma amiga fomos à portaria do Teatro Amazonas e lá descobrimos que a entrada era gratuita para amazonenses, mediante a apresentação do documento de identidade, mas, como não era o meu caso, isso não aconteceu.

No ano de 2011, após ficar sem contato com o meu pai por dezoito anos (que voltou a sua terra natal após a morte da minha mãe), tivemos uma boa surpresa com o seu retorno até Manaus para nos reencontrar e nos fazer um convite para virmos morar próximo a ele no interior do Rio Grande do Sul. Chegando aqui, muitas pessoas nos faziam muitas perguntas sobre a nossa terra natal. Muitas delas não sabíamos responder e foi aí que mais uma vez eu me dei conta de que eu não conhecia aquele Amazonas que as pessoas me perguntavam segundo o seu ponto de vista, ou segundo o que era passado na televisão. Outra questão que me chamou bastante atenção foi identificar que existe uma boa valorização por parte dos próprios habitantes do Estado do Rio Grande do Sul em direcionar seus passeios/lazer para valorizar os ambientes culturais ou naturais existentes dentro do próprio Estado.

Sem dúvida, o momento crucial em que me dei conta de que meus professores me negaram o Teatro Amazonas, assim como outros ambientes culturais existentes na cidade de Manaus, foi quando ingressei no curso de Licenciatura em Geografia na UFRGS e, pude compreender que é um dever do professor de Geografia estudar o lugar de vivência com os seus

alunos, sendo o trabalho de campo uma das principais estratégias metodológicas para se propiciar a compreensão do mundo a partir do seu lugar de vivência.

Logo, o professor como mediador da aprendizagem é um elemento fundamental. Há uma necessidade de reencantar a educação por meio de ferramentas e recursos que tornem o ambiente pedagógico inventivo e fascinante, motivando o aluno e o professor a se reinventar sempre. Não sendo mais um informador e sim mediador do processo de aprendizagem, o professor tem o desafio de levar aos alunos como tratar as informações, como estabelecer reflexões em relação ao espaço geográfico e como pensar o espaço a partir de suas realidades cotidianas e das linguagens que estão disponíveis no mundo contemporâneo.

Desta forma, com esta pesquisa pode-se destacar a prática de campo como recurso de apoio/complementar ao ensino, instrumento pedagógico da geografia e como efetivação dos olhares sobre o espaço geográfico.

O trabalho de campo é definido como uma estratégia metodológica orientada pela observação propositiva e colaborativa nas escolas que proporcionam uma observação distanciada da situação cotidiana da escola. Não é uma visita, não pode ser confundido com um passeio e sim um trabalho de observação em campo, ou ainda, uma metodologia de pesquisa e procedimento de investigação. A ida a campo precisa ser planejada, mediante a elaboração de um roteiro de pontos específicos de observação onde se identifica, reconhece e analisa elementos do cotidiano escolar como forma de diagnosticar as potencialidades, as fragilidades, as oportunidades e o desafio de um trabalho realizado na escola.

Segundo Paul Claval (2013), “Sem a experiência prática, o geógrafo deixa escapar uma parte essencial das realidades que ele tem a intenção de dar conta: aquelas que não são fruto da inteligência, mas da intuição, da sensibilidade, do gosto, da estética: aquelas que revelam a diferenciação qualitativa do mundo”. Nesse sentido, o trabalho de campo como reflexão e intervenção, na realidade pode contribuir para uma formação cidadã mais sensível e mais humana, através da geografia e de outras áreas do conhecimento que fazem o seu uso.

O trabalho de campo é definido por Castrogiovanni (2000) como “... toda atividade oportunizada fora da sala de aula que busque concretizar etapas do conhecimento e/ou desenvolver habilidades em situações concretas perante a observação e participação”.

Desse modo, como questionamentos centrais desta pesquisa teve-se: por que o teatro é pouco usado para fins pedagógicos? Por que se usa tão pouco os recursos culturais existentes nas cidades para o ensino de geografia?

Diante das considerações elencadas, pretendeu-se, de modo geral, evidenciar o trabalho de campo como uma importante metodologia para o processo de ensino aprendizagem em Geografia, desenvolvendo uma proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino de Geografia na Educação Básica. Além disto, esta pesquisa propõe analisar a importância do trabalho de campo no ensino da Geografia como recurso didático-pedagógico, assim como pesquisar sobre referências metodológicas para a elaboração de trabalho de campo nas aulas de Geografia, identificando seus procedimentos didático-pedagógicos e, por fim, elaborar uma proposta metodológica de trabalho de campo que proporcione a inserção dos alunos em ambientes culturais, por meio de visita a teatros, incentivando o uso dos recursos culturais existentes na cidade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

A elaboração de uma proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino de geografia que envolve conhecer o Teatro Amazonas, parte do princípio de que os recursos culturais existentes nas cidades podem e devem ser utilizados para fins pedagógicos. Conforme destaca Cullen “Uma cidade é antes do mais uma ocorrência emocionante no meio-ambiente” (2008, p. 10).

A criança e o adolescente têm direito à informação, cultura, lazer, esportes, diversões, espetáculos e produtos e serviços que respeitem sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento, de acordo com o Art. 71 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990). No direito de frequentar o ambiente escolar, o indivíduo poderá ter acesso a grande parte do que se dispõe no referido Estatuto.

Apesar de complexa, a Geografia é a ciência que tem um papel fundamental na formação do aluno em relação ao espaço que ele é envolvido. Nessa mesma linha de pensamento, Callai (2005), considera que esta disciplina na educação não deve ser um mero acessório, mas deve representar uma participação efetiva e contínua no processo de alfabetização da criança. Desse modo, David (2002), afirma que os trabalhos de campo e a observação sempre tiveram destaque na Geografia e é de fundamental importância que o geógrafo desenvolva a capacidade de observação de campo.

Para Sansolo (1996, p. 47), o trabalho de campo para a pesquisa geográfica se comporta, como parte de uma metodologia de pesquisa fundamental no processo da construção do conhecimento:

[...] enfocado como um processo pedagógico de produção de conhecimento científico de forma participativa. Portanto, com suas especificidades, busca a construção acerca de um ou mais temas referentes ao espaço geográfico, conseqüentemente procura a essência das relações que se estabelecem e que se expressam através de fenômenos, da aparência do espaço, de uma paisagem, temas relativos ao meio físico ou aos fatores sociais que envolvem a produção e organização do espaço (SANSOLO, 1996, p.47).

Rodrigues (2001, p.35) destaca a potencialidade de interdisciplinaridade do trabalho de campo, assim como a ideia de produção de conhecimento a partir do reconhecimento do aluno ao ambiente em que ele está inserido:

O trabalho de campo pode ser implementado desde as séries iniciais do ensino fundamental como recurso aos professores de Geografia, História, Ciências e outras disciplinas, partindo-se da ideia de produção do conhecimento baseado na realidade e no cotidiano do aluno. A visão de mundo do aluno é incorporada ao processo de aprendizagem, que está associado a uma leitura crítica da realidade e ao estabelecimento de unidade entre a teoria e prática (RODRIGUES; OTAVIANO, 2001, p. 35).

É comum que antes de se trabalhar um objeto, surja a necessidade de defini-lo. É possível acessar várias definições para o trabalho de campo, uma delas é afirmada por Neves (2015, p.15) que os trabalhos de campo constituem “um procedimento metodológico que engloba a observação, a análise e a interpretação de fenômenos no local e nas condições onde eles ocorrem naturalmente”.

Para Silva (2002), define o trabalho de campo como:

Toda a atividade que proporciona a construção do conhecimento em ambiente externo ao das quatro paredes, através da concretização de experiências que promovam a observação, a percepção, o contato, o registro, a descrição e representação, a análise e reflexão crítica de uma dada realidade, bem como a elaboração conceitual como parte de um processo intelectual mais amplo, que é o ensino escolar. (SILVA, *apud* NEVES, 2015, p. 20-21).

Diversas são as denominações utilizadas que fazem referência aos trabalhos de campo, inclusive, a autora Pontuschka em sua tese de doutorado (1984), atenta para uma rotulação imprópria visto que, na atualidade, se diz “Estudos do Meio desde uma saída de lazer com os alunos até a aplicação Estudo do Meio como um método de ensino” (Pontuschka, 1984, p.26). Em continuidade, Pontuschka refere-se à atribuição dessa denominação também a atividades extraclasse realizada pelos professores, como ilustrou, um conhecido parque de diversões, o Play Center, quando na realidade são apenas recreações, remetendo a um falso conceito que para a autora,

Compreende um método de ensino interdisciplinar em que a saída da sala de aula é somente uma das partes inegavelmente importante, mas que não se encerra nela mesma, necessitando ter continuidade com um trabalho teórico em classe nas disciplinas envolvidas. (PONTUSCHKA, 1984, p.26).

Aula de campo, excursão, expedição, aula-passeio, são mais alguns dos termos comumente utilizados para fazerem referência aos trabalhos de campo.

A primeira questão que devemos considerar é que o campo é um elemento essencialmente formativo para a geografia, logo, ele primeiramente forma profissionais em geografia, pessoas que são capazes de refletir sobre o espaço geográfico, assim como conceitos e categorias ligadas à geografia. Essa formação vai além da formação acadêmica (bacharel ou

do licenciado de geografia), mas também é uma formação do pesquisador que é aquele que vai continuar seja na iniciação científica, mestrado ou doutorado.

O campo traz essa referência de autenticidade e diálogo entre diferentes escalas geográficas, buscando entender como as dinâmicas se materializam entre outras particularidades, sendo assim, o trabalho de campo é extremamente formativo no sentido de não estar restrito apenas às informações que são levantadas, mas sim no aspecto formativo do próprio pesquisador. Outro aspecto importante do trabalho de campo é o momento de formação enquanto cidadãos. Como formar cidadãos se as pessoas não reconhecem o espaço geográfico e não se reconhecem nele?

Pontuschka (2004, p. 260), ressalta a valorização da observação e compreensão do lugar:

[...] O meio é uma geografia viva. A escola, o córrego próximo, a população de um bairro, o distrito industrial, um parque, uma reserva florestal, um shopping, um hipermercado, a chácara da vizinha são elementos integrantes de um espaço, que podem ser pontos de partida para uma reflexão. Em um primeiro momento, pode-se “descrever”, utilizando os referenciais vivos para localizá-los; no entanto, é preciso ir além. Em qualquer lugar escolhido para realizar um estudo do meio, há o que ver, há o que refletir em geografia, pois não existem lugares privilegiados, não há lugares pobres. É preciso saber “ver”, saber “dialogar” com a paisagem, detectar os problemas existentes na vida de seus moradores, estabelecer relações entre os fatos verificados e o cotidiano dos alunos (PONTUSCHKA, 2004, p. 260).

Quando falamos que o trabalho de campo é um elemento essencialmente formativo, estamos dizendo que ele é também uma oportunidade de conhecer e reconhecer o espaço geográfico e tentar entender um pouco melhor as dinâmicas que nele acontecem. É um fato ligado à cidadania, uma vez que o cidadão de fato, completo e integral segundo Milton Santos (2007), reconhece direito e deveres, mas, o grande problema para ele é que no Brasil, as pessoas nem ao menos sabem sequer quais os seus direitos. Todos nós, por conta da Constituição Federal de 1988, nascemos com o direito à moradia, saúde, educação, entre outros, e, não necessariamente esse direito é garantido. Existe a garantia na lei, mas, na prática, infelizmente não existe.

Quando entendemos melhor o espaço geográfico e a posição que ocupamos nele, sobre as dinâmicas que estão envolvidas nesse espaço, passamos a nos reconhecer como parte desse espaço e é nesse reconhecimento que nós temos então a busca do cidadão em sua formação integral de entender melhor qual é o seu papel nesse espaço geográfico. O trabalho de campo nos ajuda a reconhecer o espaço geográfico e a desempenhar o nosso próprio papel, nos formando como cidadãos.

Nesse sentido, Serpa (2006) destaca:

O trabalho de campo deve se basear na totalidade do espaço, sem esquecer os arranjos específicos que tornam cada lugar, cidade, bairro ou região uma articulação particular de fatores físicos e humanos em um mundo fragmentado, porém (cada vez mais) articulado. O trabalho de campo em Geografia deve perseguir, portanto, a ideia de particularidade na totalidade, abandonando de modo enfático a ideia de singularidade de lugares, cidades, bairros ou regiões (SERPA, 2006, p.10).

Quanto à prática de campo a serviço da geografia, segundo Alentejano e Rocha-Leão (2006, p.58), “devemos compreender o trabalho de campo como uma ferramenta a serviço dos geógrafos, desde que articulada com a teoria, capaz de possibilitar a conexão da empiria com a teoria”.

É necessário estabelecer um “link” entre a teoria e a prática, mostrando para os alunos que o que eles sempre veem nos livros, assim como os conteúdos que são passados no quadro, já existe em uma realidade e essa realidade muitas vezes está mais próxima do que sequer pode imaginar, por isso, trazer essa proximidade da geografia com o cotidiano, reforça que a geografia está presente dentro de casa, no caminho da escola, na própria escola e nos grupos culturais e sociais que fazemos parte.

A prática de campo para efetivar a construção dos olhares sobre o espaço geográfico nos leva a entender que a atividade de campo, é uma atividade de pesquisa e quando fazemos uma atividade de pesquisa, é necessário estabelecer alguns recortes, nesse caso será feito um recorte espacial do Teatro Amazonas e seu entorno, definindo o local de estudo:

Recortar espaços de conceituação na realidade, em coerência com os fenômenos que se deseja estudar e analisar, é questão central para a operacionalização do trabalho de campo em Geografia que o recorte dos espaços de conceituação não fragmenta a realidade; que os diferentes recortes podem revelar qualidades diversas dos fenômenos que se deseja estudar; e que, finalmente, o recorte serve para explicitar e dar visibilidade àquilo que se deseja pesquisar e analisar (SERPA, 2006, p.12).

O planejamento e a organização dessa atividade são primordiais. O propósito que se tem em vista, são fundamentais para organizar todas as necessidades que o nosso campo pedirá, tendo algumas etapas que precisamos cumprir, organizando um campo qualitativo. A atividade de campo nunca será bem aproveitada enquanto não pensarmos anteriormente quais serão nossos objetivos, horizontes, e todos os passos que precisamos dar para alcançar esses objetivos.

Em uma perspectiva geral, Carvalho (2011), faz uma dedução quanto a preparação anterior à ida a campo:

Não creio que seja possível, a não ser por acaso, improvisar uma excursão geográfica, com inteiro proveito, bem entendido. Entre as possibilidades, isto é, entre as condições

exequíveis em vista dos recursos, o professor precisa fazer uma escolha que venha satisfazer os propósitos que tem em vista (CARVALHO, 2011, p.98).

João do Rio (1908), em seu livro, nos convida a vir para rua com um olhar interesseiro e, para estarmos de forma interesseira no espaço, precisamos de um objetivo, assim como ele tinha um, que era se apropriar da cidade e se sentir cidadão, não só dizendo que ele era cidadão, mas ele precisava ter essa experiência urbana e descreve:

A rua está para eles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações... Ora, a rua é mais do que isso. A rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma! [...] A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. [...]. Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo [...], é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* [...] É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. (JOÃO DO RIO, 1908, p. 21-23).

Portanto, o trabalho de campo em espaços culturais, permite que se observe e conheça para além da estrutura física dos prédios, permite que se adentre em suas histórias e rugosidades. Significa, desta forma, instigar a curiosidade e percepção do visitante.

2.2 CONHECENDO O TEATRO AMAZONAS

No ano de 1881, o deputado Antônio José Fernandes Júnior apresentou à Assembleia Provincial um projeto que solicitava verba para construção de uma casa de ópera no meio da Amazônia, ideia aprovada pelos colegas parlamentares. Menos de um mês depois, o presidente da Província, Alarico José Furtado, por meio da Lei 546, autorizou a despesa de cento e vinte mil réis para a compra do terreno e início da obra. O responsável pelo projeto do Teatro foi o Gabinete de Arquitetura e Engenharia de Lisboa (CORRÊA, 2011).

As obras foram iniciadas quase dois anos depois. A demora foi por conta de estarem discutindo na época onde seria construído o Teatro Amazonas, afinal, o assunto era sem dúvida polêmico na sociedade amazonense da época, tanto pela monumentalidade da obra quanto pelo montante de recursos utilizados, assim como os interesses envolvidos na construção de um teatro de ópera. Foram quinze anos entre a ideia e a inauguração, sendo sete anos em obra parada, iniciando a construção efetivamente em 1893. O governador era Eduardo Ribeiro, que deixou o governo antes da inauguração, ficando a honra da estreia para a administração do então Governador Fileto Pires Ferreira no ano de 1896 (BERTARELLI, 2010).

O edifício do teatro assume, nesse contexto, caráter emblemático, como expressão de 'civilização e progresso' e atrai, como empreendimento, interesses de políticos, grandes comerciantes e intelectuais que orientaram não apenas a consecução das obras como a decoração interna do edifício, concluída nos anos subsequentes à inauguração. Assim, considero que, além das polêmicas relacionadas às disputas ideológicas que marcaram a mudança de regime político, a decoração do edifício em especial do salão nobre expressa os interesses e as expectativas da elite letrada quanto à natureza amazônica, algo que se afinava com o discurso de positividade da natureza tropical e com a perspectiva do projeto romântico no Brasil oitocentista (DAOU, 2007, p.52).

Falar do Teatro Amazonas é recontar a história da cultura da borracha que até o início do século XX estabeleceu na Amazônia dois mundos paralelos: de um lado, o luxo e a riqueza dos barões do látex, de outro, a luta diária pela sobrevivência travada pelos seringueiros em plena selva amazônica.

O Teatro Amazonas é um dos principais símbolos das transformações que a cidade de Manaus passou após intervenções em sua estrutura urbana e arquitetônica. É um sonho que concilia estes dois mundos ao projetar uma cidade moderna, responsável por abrigar diferentes classes e culturas em diversos espaços de convivência urbana.

O estilo arquitetônico do Teatro Amazonas (Figura 1)¹ é considerado eclético, um prédio jovem com 125 anos de idade, o neoclássico era o que fluía na Europa no estilo arquitetônico e o retorno clássico e um pouco do rococó aparecendo.

¹ As fotografias retiradas do Teatro Amazonas foram obtidas através do fotógrafo Kleider Lopes, residente em Manaus-AM, considerando que a autora desta pesquisa reside no Rio Grande do Sul e não pode deslocar-se até a Região Norte. (Figuras: 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 17).



Figura 1: Teatro Amazonas.

Todo o Teatro Amazonas está estruturado em ferro fundido, isso porque a engenharia do período era a mesma que projetava a Torre Eiffel.

O Teatro Amazonas foi o primeiro Teatro brasileiro a ser inaugurado com luz elétrica, no ano de 1896 (DE LEMOS, 2011).

O historiador Eric Robbins Bawn, renomado historiador de nossa época, certa vez disse que o Teatro Amazonas era o legítimo templo da cultura burguesa, mas nos dias de hoje, esse templo viveu uma revolução popular:

O Teatro Amazonas, em Manaus, é na opinião do historiador Eric Hobsbawm, uma “catedral característica da cultura burguesa”. Tal descrição pode ser reforçada por duas peculiaridades do Teatro: sua localização, em meio à exuberante floresta equatorial; e sua singular e multicolorida cúpula. Nela superpõem-se símbolos relativos à ordem republicana e à imagem de progresso que tornam inevitável a associação do edifício aos espaços oficiais, aos rituais políticos. Ela sugere ainda uma “tropicalização” ou uma transposição especial da imagem republicana, estampada em alegoria de proporções gigantescas (DAOU, 1999, s/p).

O Teatro Amazonas hoje tem uma função social totalmente diferente do princípio, pois, foi criado para suprir uma demanda cultural por entretenimento voltado à elite, sendo composto por 701 lugares que se comparados a grandes lugares como uma Ópera Garnier, torna-se pequeno. O objetivo era proporcionar um lugar aconchegante e carregado de informações que

deixasse os frequentadores impressionados. Hoje em dia os espetáculos em sua maioria são gratuitos, compostos por orquestras de violão, orquestra filarmônica e etc. Pessoas de diferentes classes sociais não só convivem com o Teatro, mas também migram da plateia para o palco.

A decoração interna do Teatro é quase toda de Crispim do Amaral, desenhista e pintor pernambucano, assim como a pintura do Pano de Boca (Figura 2), confeccionada em 1894, uma peça inteira, sem dobras, que homenageia o encontro das águas dos rios Negro e Solimões.



Figura 2: Pano de Boca. Fonte: Wikimedia, 2022

Entre tantos detalhes, alguns não são tão pequenos assim. No teto do salão de espetáculos está o lustre (Figura 3) feito em bronze francês e cristal italiano, composto por sessenta lâmpadas e que tem a mesma idade que o Teatro. Um objeto original e raro que precisa de muitos cuidados.



Figura 3: Lustre com a mesma idade que o Teatro Amazonas

O Teatro Amazonas é definitivamente um local que merece ser visto *in locu*, pois, antigamente, somente as famílias mais ricas do Amazonas podiam desfrutar de tudo aquilo que ele oferecia.

Tamanha exigência, também se estendia ao fato de que essas mesmas famílias, reivindicavam uma solução para aquelas pessoas que chegavam atrasadas aos espetáculos em suas carruagens, atrapalhando a concentração por conta do barulho reproduzido pelos cascos dos cavalos. Definitivamente, a borracha, advinda do látex, através de extração das seringueiras, não era um problema para os “Barões da Borracha”. A solução encontrada para tal problema foi pavimentar as rampas de acesso ao Teatro com tijolos revestidos de borracha (Figura 4), amenizando assim, a reprodução do rumor das carruagens.



Figura 4: Paralelepípedo à base de borracha

Durante os intervalos das apresentações, essas famílias iam até a área externa do Teatro onde há uma varanda para se refrescarem e principalmente, para serem vistos por todos aqueles que não puderam entrar no Teatro. Era uma forma de afirmação social, assim, elas eram indicadas como pessoas da alta sociedade. Quem não tinha essa pretensão, aproveitava esse tempo para conhecer uma das partes mais luxuosas do Teatro Amazonas.

Em 1896 o Teatro foi inaugurado, mas o salão nobre ainda não estava pronto. Sua mobília só terminou de ser instalada em 1901 e para a decoração do salão, foi contratado o artista italiano Domenico De Angelis. É uma sala diferenciada, não há canto ou trecho de parede sequer que não tenha sofrido uma intervenção artística. O piso foi montado com doze mil peças de madeira nobre (Figura 5), estando somente encaixadas (BERTARELLI, 2010).



Figura 5: Piso de madeira nobre sob encaixe. Fonte: KA-EL.NET TEATRO AMAZONAS (2018)

Uma das telas do salão (Figura 6) recria uma passagem do romance *O Guarani*, da ópera Carlos Gomes e romance de José de Alencar.



Figura 6: Pinturas do Salão Nobre com uma cena do “Guarani”

O teto do salão nobre é uma das preciosidades do Teatro Amazonas. A pintura assinada por Dom Angelis, chamada de *A Glorificação das Belas Artes na Amazônia*, de 1899 (Figura 7). Uma curiosidade, é que na pintura foi aplicada uma técnica de perspectiva, a mesma que o famoso pintor Leonardo da Vinci utilizou em seu mais famoso quadro *A Mona Lisa*, causando a impressão que estamos sendo seguidos pelo olhar da imagem em questão.



Figura 7: A Glorificação das Belas Artes na Amazônia, de 1899

Construída para ser notada a cúpula do Teatro Amazonas (Figura 8) é formada por 36 mil peças de cerâmicas esmaltadas vindas da França, formando um mosaico com as cores da bandeira brasileira.

Supostamente escolhida por um membro da elite na Exposição Universal de 1889, em Paris, a cúpula representa muito bem a mobilização do escol amazonense em relação ao Teatro – incluindo os aspectos práticos da obra. Nesse sentido, o Teatro Amazonas incorporou as marcas de seu tempo, as vicissitudes da demorada construção e as idiossincrasias da elite e dos políticos; ele também aproxima estes indivíduos dos valores que garantiram a disseminação das formas burguesas de divertimento e ostentação, promovendo-os como paladinos dos novos hábitos e ideias ocidentais surgidos no Cairo, no México ou no Brasil (DAOU, 1999, s/p.)



Figura 8: Cúpula do Teatro Amazonas

Os espetáculos no Teatro Amazonas, especialmente no início do século passado, eram mais do que apresentações, eram acontecimentos sociais, conforme pode se observar nas figuras 9, 10, 11 e 12.



Figura 9: Recital da laureada pianista Anna Carolina datada em 02 de maio de 1934



Figura 10: Folder Concerto da grande soprano lírico Santa Noll datado para 23 de agosto de 1939



Figura 11: Folder Show Trovadores Del Paraguay data de fevereiro de 1959



Figura 12: Folder da peça A resistível ascensão do BOTO TUCUXI em cartaz nos meses de setembro e outubro de 1982

O Teatro Amazonas era na verdade, parte de um projeto maior, representando um dos elementos significativos do projeto de embelezamento da Avenida Eduardo Ribeiro. Somente com as mudanças que ocorreram na região, unindo-se a outros fatores como, por exemplo, as facilidades proporcionadas pela Constituição de 1981. Com o Teatro pronto, a cidade ganhou um padrão e esse padrão virou um desejo: o de deixar Manaus no mesmo nível de beleza arquitetônica.

O significado do Teatro faz com que as pessoas se encontrem também no Largo São Sebastião (Figura 13) que é a praça que está localizada em frente à edificação, socializando-se de diversas formas. É uma dinâmica que acontecia e segue acontecendo, mesmo se modificando ao longo do tempo, pois, o Teatro Amazonas ocupa o centro de um espaço que se tornou referência para encontros, misturando o tradicional e o moderno na arquitetura, nas propostas criativas, nas manifestações e nas pessoas de todos os tipos.



Figura 13: Praça de São Sebastião, em frente ao Teatro Amazonas e a Igreja de São Sebastião ao fundo.

O diálogo entre referências amazônicas e europeias se expressam em metáforas culturais presentes na própria arquitetura do Teatro. Essa herança de símbolos tornou-se mais viva e real quando a população passou a se reconhecer nesse espaço e ocupá-lo.

Outra questão, que a propósito, foi apontada por Valle, (2013, p.40), evidenciando que a construção do Teatro Amazonas, esteve diretamente relacionada às transformações sofridas no espaço urbano da cidade de Manaus, que de forma significativa, passaram a definir um modo de vida, assim como a construção de determinadas relações econômicas e sociais. A criação do Porto de Manaus se mostra de importante estratégia para o comércio, dentre outros equipamentos urbanos importantes, todos também nas proximidades do Teatro Amazonas, como, por exemplo, casas bancárias, sedes administrativas e fiscais de repartições da coroa e depois da república, destacam Valle (2013, p. 129).

Mesmo sendo um ícone da cultura amazonense, ainda persiste para muitos, a imagem do Teatro Amazonas como palco exclusivo da elite. Isso explica o fato de muitos manauaras

jamais terem cruzado suas cortinas, pois, para alguns deles, se não a maioria, o Teatro Amazonas ainda é um simples cartão postal. A arte como formação técnica, cultural e política, deixa a agenda do Teatro Amazonas sempre cheia. Anualmente grandes eventos são realizados nesse templo amazônico, sendo os mais conhecidos os Festivais de Ópera (Figura 14) e de Cinema.



Figura 14: Cartaz 15 anos de Ópera (Festival Amazonas de Ópera, 2011)

A história fez do Teatro Amazonas um símbolo, mas, as pessoas com seus talentos, ofícios e arte, fizeram dele algo maior. O verdadeiro espetáculo do Teatro é a capacidade de conectar o passado, o presente e o futuro, colocando todos no mesmo palco.

O roteiro de visita turística nesse Teatro abrange as seguintes áreas - Térreo: Hall de entrada, Salão de Espetáculos área da plateia (Figura 15), circulação do Hall, escadas de mármore/ 1º pavimento: Circulação 1º pavimento, Salas de Exposições (exposições atuais: 125 anos Teatro Amazonas/ Sala de Música e Dança “Memorial Zezinho Corrêa”), exposição das Maquetes, acesso aos Camarotes do 1º pavimento, Salão Nobre, acesso a varanda do Salão Nobre, retornando pelas escadas de mármore da José Clemente, finalizando a visita na Exposição do Camarim Cenográfico de Época, ao lado do Órgão Eletrônico onde por fim tem o busto de Eduardo Ribeiro. A saída dos visitantes dar-se pela lateral na proximidade da loja Bell 'Artes (Figura 16).

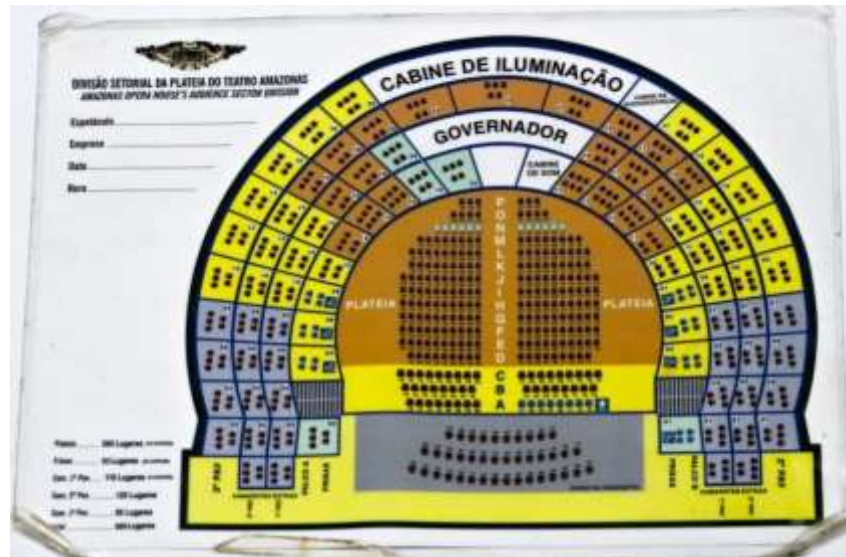


Figura 15: Divisão setorial da plateia do Teatro Amazonas

As demais áreas deste teatro não fazem parte do roteiro de visitação, logo seu acesso   restrito, destinado a funcionários.

 reas de acesso livre no teatro: Café La Gioconda (Figura 16) e Loja Dell'Arte (Figura 17).



Figura 16: Café La Gioconda



Figura 17: Loja Dell'Arte

O Teatro Amazonas, atualmente, integra o Centro Cultural Largo São Sebastião. Em seu livro *Manaus - Entre o Passado e o Presente* (2009), o pesquisador Durango Duarte, relata que, desde a sua inauguração até os dias atuais, o prédio do teatro passou por quatro grandes intervenções estruturais. A primeira reforma aconteceu entre 1926 e 1929, no governo Ephigênio Salles. Poucos sabem, mas a cor original do teatro era cinza, sendo substituída pelo cor-de-rosa. Entre 1959 e 1962, na administração de Gilberto Mestrinho, a casa de espetáculos passou pela segunda reforma, mantendo o cor-de-rosa. Quando o teatro completou setenta anos de existência, em 1966, o prédio foi tombado pelo Patrimônio Histórico Nacional (DUARTE, 2009).

Uma construção que foi projetada, entre outros fatores, para colocar Manaus na rota de investidores, durante o final do século XIX, mas que, com a conclusão das obras do teatro, tornou-se então um dos principais pontos da cidade, frequentado pela “alta sociedade”. Essa imponente construção é um registro cultural, histórico e geográfico não só de Manaus, como também, do Amazonas e da história do Brasil.

2.3 O USO DE AMBIENTES CULTURAIS EXISTENTES NAS CIDADES PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO

A utilização dos ambientes culturais existentes nas cidades para o ensino da Geografia pode proporcionar diferentes interfaces e reflexões. Tudo o que for possível trazer de debate geográfico a partir do desenvolvimento de determinados conteúdos, utilizando-se de tais espaços, sensibilizará o observador a também fazer uma leitura e compreensão dos espaços sociais.

A respeito da importância das noções espaciais, para Callai (2010, p.16), “desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial” é fundamental para que o aluno entenda o que é a geografia. Uma das principais funções do professor de Geografia é fazer com que os alunos construam suas próprias noções do que é o espaço geográfico, a partir das vivências pessoais. Callai (2010), valida:

[...] compreender a espacialidade dos fenômenos nos é fundamental para viver no mundo entendendo a realidade que nos cerca. O ensino da Geografia serve para situar os sujeitos nesse mundo, compreendendo a espacialidade dos fenômenos e que os espaços resultam da história dos homens que vivem nos lugares sendo assim, um espaço construído a partir dos interesses dos que ali vivem. (CALLAI, 2010, p. 31).

O Teatro Amazonas enquanto museu e Patrimônio Histórico Nacional tombado, possibilita, como rota de visitação no trabalho de campo, uma análise e observação de questões de cultura, história e sociedade, assim como os diferentes usos possíveis para o espaço público, formas na/da paisagem urbana e a sua relação com a história da cidade de Manaus, assim como entender o que o torna uma edificação tão importante para que se tornasse um patrimônio cultural e social.

A interdisciplinaridade no ensino da Geografia proporciona o estabelecimento de diálogos entre diversas disciplinas, fazendo com que o aluno construa conhecimento de forma não isolada, mas, integrativa. Sobre essa interdisciplinaridade, Silva e Barbosa (2014), afirmam que:

Ensinar Geografia significa aproximar os alunos da compreensão da realidade a partir das relações espaciais, logo a construção de uma visão crítica pela ciência geográfica passa obrigatoriamente pelo ensino realizado multiescalarmente através de muitas linguagens. Para além do engessamento da linguagem acadêmica e dos manuais pedagógicos (como os livros didáticos) surgem outras linguagens capazes de fundamentarem nos alunos a crítica nos seus aspectos sociais políticos, econômicos, culturais, espaciais e históricos. Tais linguagens partem das constituições estéticas elaboradas a partir das artes, deste modo, a música, a literatura, a arte plástica, a dança, o teatro, o cinema e a escultura são fontes elaborativas para a constituição ôntico do

ser humano, em outras palavras, a formação do ser humano pela Geografia emerge também da linguagem estética. (SILVA, BARBOSA, 2014, p. 82).

Reconhecemos hoje que o saber escolar é diferente do saber acadêmico, sendo ainda perceptível uma construção do saber escolar a partir do avanço da ciência geográfica, esta por sua vez, se constrói em um contexto espaço temporal de mudanças rápidas e significativas, frutos do mundo atual. Também podemos afirmar que o saber acadêmico se renova com a aproximação do saber escolar, exigindo deste, também novas perspectivas.

Cavalcanti (2012), afirma que no ensino da Geografia, os objetos do conhecimento são os saberes escolares referentes ao espaço geográfico e que, portanto, na escola, o ensino das diferentes matérias escolares, a metodologia e os procedimentos devem ser pensados em razão da cultura dos alunos, da cultura escolar, do saber sistematizado e em razão ainda da cultura da escola:

Em suas atividades diárias, alunos e professores constroem geografia, pois, ao circularem, brincarem, trabalharem pela cidade, pelos bairros, constroem lugares, produzem espaço, delimitam seus territórios; vão formando, assim, espacialidades cotidianas em seu mundo vivido e vão contribuindo para a produção de espaços geográficos mais amplos. Ao construírem geografia, eles também constroem conhecimentos sobre o que produzem, que são conhecimentos geográficos. Então, ao lidar com as coisas, fatos, processos, na prática social cotidiana, os indivíduos vão construindo e reconstruindo uma geografia e um conhecimento dessa geografia. (CAVALCANTI, 2002, p. 33).

O papel do professor de Geografia é fundamental no sentido de comunicar que a Geografia tem essa relação muito importante com o cotidiano, lugar, território e paisagem, fazendo-se entender que aquele espaço que ele convive e tem suas atividades cotidianas, faz parte da Geografia do indivíduo. Essa comunicação é importante e a Geografia deve ser mostrada pelo professor com a ideia de totalidade, juntamente com todas as perspectivas que aquele assunto tem no seu cotidiano, ressaltando-se sua multiplicidade e abrangência:

A educação geográfica diz respeito a: ensinar Geografia para que? Se for simplesmente para cumprir um compromisso com um rol de conhecimentos específicos, não há sentido de se pensar em educação geográfica; no entanto, se a perspectiva intrínseca do ensinar Geografia seja dar conta de explicar e compreender o mundo, de se situar no contexto espacial e social em que se vive, de construir

instrumentos para tornar o mundo mais justo para a humanidade, então está sendo cumprido o papel educativo de ensinar geografia (CALLAI, 2012, p.73).

Durante vários anos, em muitas escolas e, talvez, ainda hoje, alguns professores, ainda entendam que a Geografia é ensinar nome de países e capitais, ou bacias hidrográficas, por exemplo. De qualquer forma, a grande questão é que não é só a Geografia que é uma disciplina que exige memorização, todas as disciplinas, de alguma maneira exigem o desenvolvimento da memória e isso é uma questão importante. Não é possível compreender, seja química, física, ou matemática, se a sua memória não está associada a uma certa racionalidade, da mesma forma, apreender Geografia, também exige isso. Quanto ela ser enfadonha ou não, como traz Yves Lacoste (1976), vai depender que tipo de material está sendo utilizado, o tipo de objetivo que se tem, pois, a Geografia na verdade é uma disciplina extremamente instigante, pois, de alguma forma, o indivíduo pensar a sua relação com as pessoas no mundo, como elas vivem e qual é o nosso papel é algo para extrema reflexão. O professor de Geografia é responsável por um tipo de conhecimento que de alguma maneira vai ter o nome de Geografia, no próprio processo de constituição que é chamado de sociedade ocidental e como professor de Geografia, o que é ensinado na verdade, é a maneira como se entende o mundo e, portanto, a responsabilidade é imensa.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O caminho investigativo da pesquisa, organizou-se, primeiramente, a partir da realização de uma pesquisa bibliográfica sobre conceitos de trabalho de campo, suas funcionalidades e metodologias em leitura especializada no tema.

Posteriormente, a pesquisa orientou-se no trabalho de campo, procurando-se desenvolver um roteiro de campo. Este roteiro de campo foi elaborado a partir de uma proposta metodológica de visitação ao Teatro Amazonas, direcionada às turmas do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

A proposta metodológica organizou-se da seguinte forma: Ato 1 - Preparação para a visitação - Conhecendo a história do Teatro; Ato 2 - Conhecendo o entorno do Teatro Amazonas (visitação parte 1); Ato 3 - Realização da visita - Conhecendo o Teatro Amazonas (visitação

parte 2); Ato 4 - Finalização da visitação - O Teatro na visão dos alunos com propostas de atividades para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, no retorno a sala de aula.

As potencialidades e discussões geográficas incluem os seguintes conteúdos: objetos e vestígios da cultura material, diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e espaço e as evidências de processos políticos, econômicos, sociais, ambientais, culturais e epistemológicos ao longo do tempo com base em documentos históricos e geográficos, em torno do Teatro Amazonas.

Essas discussões serão iniciadas previamente em sala de aula. A prática de campo tem como objetivo ensinar e estimular uma atividade de pesquisador, integrando o aluno em um ambiente de habilidade técnica, tornando possível que o mesmo compreenda o contexto de criação e construção da determinada edificação, quais foram seus usos ao longo do tempo, assim como seu uso atual.

Por fim, no retorno à sala de aula, será realizado o aproveitamento de campo que é tão importante quanto o próprio campo. Nessa etapa será informado o que deve ser feito com os dados que foram coletados.

Espera-se que a importância da prática de campo para o ensino da Geografia fique evidenciada também através deste trabalho. Primeiro, porque é uma das atividades do geógrafo e que tem por objetivo familiarizar o aluno com a atividade de pesquisa, observação, identificação e análise de determinados fatos, motivando e instigando o mesmo a participar e pesquisar a respeito de diversos conteúdos e, segundo, por ser uma atividade diferenciada, em um espaço fora da escola, fazendo com que os alunos percebam também a geograficidade de vivências cotidianas que não foram percebidas anteriormente.

4. ROTEIRO DE CAMPO: VISITAÇÃO AO TEATRO AMAZONAS

A seguir encontra-se o roteiro de campo, elaborado a partir de uma proposta metodológica de trabalho de campo de Geografia no Teatro Amazonas. Esta proposta, que está

dividida em Atos, procurou proporcionar diferentes momentos de aprendizagem aos alunos, como a preparação a visita (que inclui preparação e sensibilização), a visita em torno do Teatro (para a observação da dinâmica espacial em torno ao teatro), a realização da visita (conhecendo o Teatro Amazonas) e a finalização da visita (O Teatro Amazonas na visão dos alunos). Para cada uma das etapas seguem orientações que buscam auxiliar o professor de Geografia na realização deste trabalho de campo bem como sua adaptação a outros espaços artístico-culturais.

O trabalho com o Teatro Amazonas também traz a tona o processo de colonização e exploração do território nacional, em que, muitas vezes, o povo esteve desassistido em relação à cultura. Esta por sua vez esteve mais voltada as classes dominantes.

Ato 1: Preparação para a Visita – Conhecendo a História do Teatro

Preparação:

Na preparação é fundamental o professor organizar a visita em termos logísticos: agendamento no teatro, autorização da escola e das famílias, agendamento de transporte (caso seja necessário) e demais etapas que forem necessárias para garantir a viabilidade logística da visita ao teatro.

Sensibilização:

- Primeiramente, deve-se questionar os alunos se conhecem o Teatro Amazonas. Em seguida, fazer um levantamento de quem o conhece apenas por fora, os que já entraram no Teatro para visita, e os que já assistiram a alguma apresentação realizada no Teatro, deixando um tempo livre para as respostas e comentários.

- Na sequência, é importante apresentar a história do Teatro Amazonas, como por exemplo, quando e por quem ele foi construído, como era o Brasil e Manaus na época da sua construção, qual a finalidade da construção do Teatro Amazonas e quando e por que ocorreu o seu tombamento pelo Patrimônio Histórico Nacional.

- Para auxiliar neste momento da aula, pode-se realizar a projeção das seguintes imagens (Figuras 18 e 19):



Figura 18: Imagem panorâmica do Teatro Amazonas no ano de 1900. Fonte: Brasiliana Fotográfica, 1900.



Figura 19: Vista aérea do Teatro Amazonas nos dias atuais. Fonte: Wikimedia (2017)

- A partir da exposição das imagens, questione os alunos sobre: qual a principal diferença entre as duas imagens? Neste momento, espera-se que os alunos identifiquem que os elementos da paisagem sofreram mudanças e que nos dias atuais, o Teatro Amazonas está inserido em um Centro histórico, após o desenvolvimento urbano que ocorreu em seu entorno.

Ato 2: Conhecendo o entorno do Teatro

Visitação – Parte 1

- Em campo, antes de entrar ao Teatro para a visita guiada, os alunos poderão observar as construções no seu entorno. Alguns prédios são mais antigos ou contemporâneos à construção do Teatro, o Palácio da Justiça e a Igreja de São Sebastião, que é um templo religioso da Arquidiocese de Manaus – AM, como por exemplo.

Em uma distância de aproximadamente 1,5km do Teatro Amazonas, encontra-se o Porto de Manaus, que continua como um importante acesso fluvial à cidade, nos levando a entender que o local da construção do Teatro Amazonas foi estrategicamente pensado pelo fácil acesso ao Porto, que naquela época era o mais importante meio de entrada e saída de Manaus. Destaque para o momento à Abertura dos Portos, erguido em homenagem à abertura do rio Amazonas ao comércio mundial, decretada por D. Pedro II no dia 7 de dezembro de 1866 (Figura 20).



Figura 20: Monumento Abertura dos Portos. Fonte: Marcelo Borges - Livro Manaus - entre o passado e o presente, do escritor Durango Duarte (2009).

- Incentivar nesta etapa da visita o registro fotográfico ou por meio de croquis/desenhos dos elementos histórico-geográficos da paisagem. Estes registros podem auxiliar em atividades cartográficas posteriores à visita interna do Teatro.

Ato 3: Realização da visita - Conhecendo o Teatro

Visitação – Parte 2

As visitas são guiadas por funcionários do Teatro. O professor deverá incentivar os seus alunos a observarem a história e geografia presentes no Teatro, bem como elementos da cultura local, regional e nacional e dos tipos de peças e espetáculos teatrais que são apresentados.

Os alunos deverão fazer o levantamento de questões que devem ser pré-elaboradas em sala de aula, para o preenchimento de um relatório de pesquisa, ou outras atividades definidas pelos professores, sendo elas: público estimado nos eventos, qual a peça ou apresentação que teve recorde de bilheteria, como o teatro se organizou durante a pandemia, se o teatro tem acesso à visitação online e como é feito a curadoria das apresentações que acontecem no teatro.

Criado em 1991, o Teatro Amazonas conta com um museu que cuida do acervo mobiliário, das composições cenográficas, figurinos e diversos outros objetos reunidos desde a inauguração do Teatro em 1896. O acesso é gratuito para estudantes que necessitem realizar pesquisas escolares.

- Considerando que, a rigor, todo o Teatro é um museu, cada estudante deverá escolher/selecionar, uma peça que mais lhe chamou atenção, com o intuito de realizar um inventário da mesma, utilizando-se da própria ficha de inventário que acompanha cada produto do acervo.

Para êxito desta etapa da visitação, é importante que o professor tenha conhecido o Teatro antes, conversado sobre suas intencionalidades didático-pedagógicas com os guias do Teatro para assegurar que os alunos tenham uma experiência educativa e cultural significativa.

Ato 4: Finalização da Visitação – O Teatro na visão dos alunos

Retorno – na sala de aula

Além da produção de um relatório, conforme o que se pede no ato 3 – visitação parte 2 (aqui, sugere-se diário de bordo ou o uso de fotografias), também se propõem uma atividade para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que segue a seguir:

Atividade para o Ensino Fundamental e o Ensino Médio:

Divididos em grupos, os alunos deverão produzir/elaborar uma Peça Teatral². Para o desenvolvimento da Peça Teatral, os alunos devem se dividir em grupos, escolherem um tema, que poderá ser definido pelo professor ou ser livre para escolha dos alunos, desde que esteja relacionado com o Teatro Amazonas, sua história e características. Além disso, os alunos poderão escolher que tipo de apresentação artística realizar, que pode ser na forma de um teatro, musical ou saraus poéticos.

Desta forma, a partir da organização em grupos, definição dos temas e do tipo produção artística, os alunos deverão realizar: roteiro da peça e apresentação para os demais colegas.

Roteiro teatral:

O roteiro é um texto que detalha todos os elementos e ações que constituem uma peça de teatro, contendo todos os diálogos e detalhes técnicos ou artísticos necessários para que ela aconteça. O roteiro se encarrega de detalhar e conduzir a história que se pretende contar.

Deve-se ter em mente que a estrutura de um roteiro teatral deve ter um começo, um meio e um fim. As partes que o compõem são:

- Título da obra
- Personagens
- Direções
- Ato
- Cena
- Diálogos
- Monólogos

Propõem-se algumas perguntas iniciais para elaboração do roteiro de teatro:

- Que história queremos contar?
- Como irei contar essa história?
- Quantos personagens existem na minha peça e como eles são?
- Que tipo de ambientação terá a minha peça?
- Como criar um final?

² Sabe-se que é uma atividade que exige tempo e um planejamento mais interdisciplinar do professor, mas, ainda assim, é uma atividade bastante vinculada com a proposta do trabalho de campo. Desta forma, reconhece-se que é uma atividade complexa, mas possível, desde que se siga um cronograma com as etapas bem definidas.

Apresentação das produções artísticas:

Para finalizar a produção artística, recomenda-se que os alunos se apresentem não somente para seus colegas de turma, mas para escola, em um momento cultural e de integração, valorizando o que foi produzido pelos alunos e o Teatro Amazonas.

Portanto, buscando realizar uma atividade pós-visitação do Teatro que envolva os alunos numa produção artística cultural, reforça-se que o professor deve estar atento, ao tempo destinado para esta atividade, que além da produção do roteiro e da apresentação, deve considerar os ensaios que os grupos deverão realizar.

Além disso, a atividade poderá ser realizada juntamente com as disciplinas de História, Língua Portuguesa, Literatura e Artes, em uma proposta interdisciplinar e integradora entre os alunos e as disciplinas.

Espera-se, que os alunos obtenham resultados similares aos resultados de uma pesquisa de graduação realizada no curso de licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campos IV, Jacobina, que objetivou analisar as contribuições do teatro para a apreensão de temas emergentes da Geografia, revelando que o teatro, ao discutir temas geográficos por meio de sua ludicidade nos espetáculos, contribui para a leitura geográfica da realidade e proporciona a prática da educação geográfica, com o desenvolvimento do conhecimento e pensamento espacial, assim como a formação cidadã.

Diante do que foi exposto, a prática pedagógica pautada em ações conservadoras da educação precisa ser superada. A disciplina é importante, mas, a interação com outras áreas se faz fundamental.

Portanto, a escola tem papel político e social para com a sociedade e:

Ao realizar suas tarefas básicas, a escola e os professores estão cumprindo responsabilidades sociais e políticas. Com efeito, ao possibilitar aos alunos o domínio dos conhecimentos culturais e científicos, a educação escolar socializa o saber sistematizado e desenvolver capacidades cognitivas e operativas para a atuação no trabalho e nas lutas sociais pela conquista dos direitos de cidadania. Dessa forma, efetiva a sua contribuição para a democratização social e política da sociedade (LIBÂNEO, 2006, p. 33).

A partir da visita ao Teatro Amazonas, espera-se que os alunos possam desenvolver a compreensão das dinâmicas sociais e espaciais em suas diferentes escalas, seja local, regional, nacional ou mundial. Além da valorização patrimonial e cultural que pode ser desenvolvida nos

alunos, que, muitas vezes, não tem a oportunidade de ver, sentir e pertencer a sua cidade de forma plena.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta metodológica de trabalho de campo para o ensino da Geografia envolvendo o Teatro Amazonas, localizado no centro da cidade de Manaus – AM apresenta uma ampla possibilidade para realização de atividades interdisciplinares, assim como para o processo de ensino-aprendizagem de Geografia.

O trabalho de campo deve ser pensado como uma prática da Geografia, assim como uma prática de ensino, pesquisa e extensão. Necessariamente, ele exige um planejamento rigoroso para garantir que seja realmente um momento de ensino-aprendizagem, como pensado em três etapas: antes, durante e após ao trabalho de campo, de forma a valorizar todos os momentos que poderão ser vivenciados pelos alunos.

Importa-se que o aluno aprenda a compreender que a paisagem é o produto das relações que ele vive cotidianamente, revelando a desigualdade, a negação do direito à cidade, ou ainda a negação a uma estrutura urbana que proporcione condições de vida, de mobilidade urbana, de direito à terra, do acesso à moradia, ou, ainda do acesso aos ambientes culturais existentes nas cidades.

As transformações urbanas que ocorreram ao redor do Teatro Amazonas, estão diretamente relacionadas com a sua construção, pois, até então, ao observar o referido Teatro, era visível evidenciar o contraste entre o excêntrico e imponente edifício, dentro de um espaço ainda não dotado de infraestrutura. Todas essas questões fazem parte das discussões referentes a tempo e espaço.

Com a realização da visita guiada, será possível identificar e discutir posteriormente, ao longo do período escolar, as categorias, indivíduo, natureza, sociedade, cultura e ética, correlacionando com tudo que foi visto e ouvido na parte interna do Teatro Amazonas.

Portanto, evidencia-se a importância do trabalho de campo para possibilitar a vivência da cidade, bem como dos ambientes artístico-culturais, como no caso do presente trabalho, a alunos que talvez não tenham outra oportunidade de explorar a cidade, bem como, para aqueles que mesmo em condições de conhecer e frequentar estes espaços, possam compreendê-los também como espaços de ensinar e aprender. Que esta proposta metodológica auxilie e incentive muitos professores e professoras!

REFERÊNCIAS

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? In: AGB – Associação de Geógrafos Brasileiros. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo: AGB, 2006. n. 84. Disponível em: Acesso em: 25 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: <
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2022.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069,13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Ano 1990, Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 16 jun 2022.

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: A geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia Ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, Eliana M. Barbosa e MORAES, Loçandra Borges (Orgs). **Formação de Professores: conteúdos e metodologias no ensino de geografia**. Goiânia: NEPEG, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica: ensinar e aprender Geografia. **et al. Geografia–Estudo e Ensino–conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Editora Xamã, p. 73-87, 2012.

CARVALHO, D. de. **A excursão geográfica.** *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 96-105, out./dez., 1941.

CASTROGIOVANNI, A. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar: elementos de geografia para o estudo do espaço urbano.** 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino.** [Goiânia]: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45 – 47.

CLAVAL, Paul. O papel do trabalho de campo na geografia, das epistemologias da curiosidade às do desejo. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 17, 2013.

COMO FAZER um roteiro de teatro. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://educacao.umcomo.com.br/artigo/como-fazer-um-roteiro-de-teatro-29474.html>. Acesso em: 3 dez. 2022.

CORRÊA, Roberto Lobato. O espaço geográfico: algumas considerações. **Novos rumos da geografia brasileira.** São Paulo: Hucitec, p. 25-34, 1982.

CORRÊA, Marcus Vinicius De Miranda. Cápsula do Tempo: **Arqueologia da Arquitetura na Catedral Metropolitana de Manaus.** biblioteca24horas, 2011.

CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana.** Lisboa: Edições 70, 1996. MARCHIGIANI, Elena. Gordon Cullen, Townscape, 1961: i molteplici paesaggi della percezione. In: BIAGI, Paola Di (org.) **I classici dell'urbanistica moderna.** Roma: Donzelli, 2002.

DA, PROPOSTA PEDAGÓGICA; DE VENDA, NOVA DO IMIGRANTE. **Trabalho de campo e observação da prática.**

DAVID, C. Trabalho de campo: limites e contribuições para a pesquisa geográfica, GEOUERJ. **Revista do Departamento de Geografia.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: nº 11, p.1924, 2002.

DEGAN, M. L. M.; PÁSCOA, L. V. B.; NASCIMENTO, M. E. CULTURA E URBANIDADE NO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS: UM ESTUDO ESPACIAL E SENSORIAL. PONTO URBE. **REVISTA DO NÚCLEO DE ANTROPOLOGIA URBANA DA USP**, n. 29, 2021.

DE LEMOS, Chélen Fischer. GT5-1067 **MANAUS ILUMINADA PELA BORRACHA: MUDANÇA TECNOLÓGICA E MODERNIZAÇÃO URBANA NO FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.** Anais ENANPUR, v. 14, n. 1, 2011.

DO RIO, João. A alma encantadora das ruas. H. Garnier, p. 21-23, 1908. SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão.** Edusp, 2007.

DUARTE, Durango. **Manaus: entre o passado e o presente.** Mídia Ponto Comm, 2009.

FARINA, B. C.; GUADAGNIN, F. Atividades práticas como elementos de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. In: REGO, N.; CASTROGIOVANNI, A. C.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para ensino médio.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

Huebner George, **Álbum Vistas de Manaus – Panorama de Manaus**, com destaque para o Teatro Amazonas, 1900 circa. Manaus, Centro, AM, Brasil / Instituto Moreira Salles. Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/1849>, acessado em 23 de novembro de 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Ed. Cortez, 2006. Disponível em: <<https://http://library.lol/main/8D8EA72606F65B718FDD9984B1F0BD8C>>. Acesso em: 24 nov. 2022.

RIO GRANDE DO SUL. **Secretaria de Educação**, MATRIZES DE REFERÊNCIA PARA O ANO LETIVO 2022. Disponível em: <<https://educacao.rs.gov.br/upload/arquivos/202202/18164129-matrizes-de-referencia-2022-2.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2022.

RODRIGUES, Antonia Brito; OTAVIANO, Claudia Arcanjo. Guia metodológico de trabalho de campo em Geografia. **Revista Geografia. Londrina**, v. 10, n. 1, jan/jun, 2001. p. 35-43

SANSOLO, Davis Gruber. A importância do trabalho de campo no ensino de Geografia e para a Educação Ambiental. 1996. **Dissertação (Mestrado em Geografia)** - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 1996.

SERPA, Ângelo. O trabalho de campo em geografia: uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim paulista de geografia**, n. 84, p. 7-24, 2006.

NEVES, Karina. **Os trabalhos de campo no ensino de Geografia**: reflexões sobre a prática docente na educação básica. Ilhéus: EDITUS - Editora da UESC, 2015. 139p.

PONTUSCHKA, Nídia. N. A formação pedagógica do professor de geografia e as práticas interdisciplinares. 343 f. **Tese (Doutorado em Educação)**-Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transformar-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, José William. **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004. p. 249-288

PRINCIPAL pano de boca do Teatro Amazonas será restaurado. [S. l.], 28 dez. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4957/principal-pano-de-boca-do-teatro-amazonas-sera-restaurado>. Acesso em: 3 dez. 2022.

RODRIGUES, Marly. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. In: FUNARI, Pedro Paulo e PINSK, Jaime (Orgs). **Turismo e Patrimônio Cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, Ana Maria Radaelli da. Trabalho de Campo: prática "andante" de fazer Geografia. Geo UERJ, **Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro-RJ, n. 11, p. 61-73, jan. 2002.

SILVA DOS SANTOS, I.; OLIVEIRA DOS SANTOS, L. INTERAÇÕES ENTRE TEATRO E GEOGRAFIA NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 475–497, 2020. DOI: 10.46789/edugeo.v10i20.762. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/762>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SILVA, Igor Antônio. BARBOSA, Túlio. **O ensino de Geografia e a literatura: uma contribuição estética**. Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 15, n. 49. p. 80-89

TEATRO Amazonas. [S. l.], [20--]. Disponível em: <https://ka-el.net/amazonas/Teatro%20Amazonas/index.html>. Acesso em: 3 dez. 2022.

TEATRO Amazonas. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia-az/teatro-amazonas>. Acesso em: 3 dez. 2022.

TEATRO Amazonas. [S. l.], [20--]. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teatro_Amazonas. Acesso em: 3 dez. 2022.

TEATRO Amazonas. [S. l.], [20--]. Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/atracao/teatro-amazonas/>. Acesso em: 3 dez. 2022.

Teatro Amazonas (PDF). *Maria Eugenia Bertarelli*. **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC)**. Acesso em: 3 dez. 2022.

VALLE, Geraldo Jorge Tupinambá do. **A cidade do esquecimento**: Manaus entre a memória das ausências e as ausências da memória. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.